



## MEMÓRIAS DE OUTRAS ESTÓRIAS: NARRATIVAS DE DUAS MULHERES DESDE AS COMPOSIÇÕES DO NORDESTE

### *MEMORIES OF OTHER STORYTALES: NARRATIVES OF TWO WOMEN FROM THE NORTHEAST COMPOSITIONS*

DOI: 10.5281/zenodo.18498194



*Karen Lauren Monteiro Silva<sup>1</sup>*  
*Saulo Luders Fernandes<sup>2</sup>*  
*Liliana Parra-Valencia<sup>3</sup>*

#### RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado que ramifica de metodologias colaborativas: em companhia de duas mulheres, do MST<sup>4</sup> e de uma comunidade quilombola, tecemos as ensinanças do PesquisarCom e ampliamos a teia, em direção a Colaboração e ao fazer Co-laborativo. Fizemos das posições dos nossos corpos uma bolsa-sacola, com a proposta de caminhar juntas pelas comunidades e catar comunicações cotidianas, estórias: nem como conflitos nem como harmonia, mas como processos contínuos. As narrativas comunicadas atravessam questões das Terras, gênero, raça e classe no sertão de Alagoas. Também apostamos que a composição Terras-Casa-Alimento, comunicam de entrelaçamentos e interferências humanas, mas tem a potência de descentrar a ideia de excepcionalidade da memória ao humano. Sugerimos que as estórias compartilhadas faíscam possibilidades outras além do engodo da história hegemônica.

**Palavras-chave:** Mulheres; Memórias; Comunicações; Psicologia

1 Mestre em Psicologia. Instituição de formação: Universidade Federal de Alagoas. E-mail: [karen.silva@delmiro.ufal.br](mailto:karen.silva@delmiro.ufal.br).

2 Doutor em Psicologia. Instituição de formação: Universidade de São Paulo. E-mail: [saupsico@gmail.com](mailto:saupsico@gmail.com).

3 Doutora em Ciências Sociais e Humanas. Instituição de formação: Pontifícia Universidad Javeriana. E-mail: [lilianaparravalencia1@gmail.com](mailto:lilianaparravalencia1@gmail.com).

4 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)**





## ABSTRACT

This article is part of a Master's research project that branches from collaborative methodologies: in the company of two women, one from the MST and another from a quilombola community, we wove the teachings of *ResearchWith*, extending the web toward Collaboration and co-laboring practices. We turned the positions of our bodies into a carry-bag, proposing to walk together through the communities, gathering everyday communications, stories—not as conflicts, nor as harmony, but as continuous processes. The narratives shared traverse the threads of Land, gender, race, and class in the backlands of Alagoas. We also believe that the composition of Land-Home-Food speaks of entanglements and human interferences, yet holds the power to decenter the notion of memory as something exceptional to the human alone. We suggest that the stories shared spark other possibilities, beyond the deceit of hegemonic history.

**Keywords:** Women; Memories; Communications; Psychology

## CRUELMENTE REPETIDAS EM LITURGIA

“História única”, “história oficial”, “história moderna”<sup>5</sup>: imensuráveis dilaceramentos. Em um dos seus fragmentos do livro *Cascas*, Georges Didi-Huberman (2017a) conta sobre os galpões onde ficavam os judeus antes de serem encaminhados à morte. Diz que o espaço aparenta anterior a condição humana, como um estábulo: “não teria sido, no fim das contas, apenas mais um gigante vagão de animais?” (p.38). Relembramos que Maria Lugones (2015) escreve que uma das “justificativas” do extermínio das pessoas negras e indígenas foi relacioná-las a não-humanos, sem alma. E que Lélia Gonzalez (2020), ao contextualizar a questão racial na América Latina, diz que as mulheres amefricanas são demarcadas como corpos animalizados, como “mulatas”.

Em sua análise da Revolução Haitiana, o historiador e antropólogo Michel-Rolph Trouillot explica que tal evento era impensável para os europeus enquanto estava acontecendo. Sustentada pela noção de raça, um elemento analítico epistêmico emergente, mas já poderoso no século XVII, a ideia de escravos negros lutando por liberdade foi apresentada como paradoxo na melhor das hipóteses: eles estavam muito próximos da natureza para se

5 Nos referimos a ambas, consecutivamente, para falar da mesma lógica enraizada no modelo de sociedade que tenta limpar compulsoriamente as ramificações heterogêneas. Também sigo conversando com Adichie (2019) para pensar as histórias únicas, com La Cadena (2024) e Benjamin (2012) quanto a história moderna e oficial...





considerarem livres. Consequentemente, a revolução que os escravos negros lideraram foi um não evento histórico; nenhum arquivo ocidental a registrou enquanto ela estava acontecendo. (LA CADENA, 2024: p.140)

Decidimos também por pensar nas relações dicotômicas e hierárquicas do que se convencionou chamar “natureza” e o que se convencionou chamar “homem-humano”. Entendemos que essa raiz é definidora na legitimação da barbárie. Ursula Le Guin (2021) fala da invenção de uma “civilização humana”, a partir da fixação e da repetição na narrativa do herói, aquele que sai com uma grande arma, dura e pontuda, para conquistar sua caça, desbravar o mundo, lutar contra o “inimigo”: “Não foi a carne que fez a diferença. Foi a estória” (LE GUIN, 2021: 17). Esta estória tem como princípio a dominação, a colonização e o extermínio. A sua perpetuação é também manobrada pelo mundo letrado, que “tem o poder, autoconcedido, de definir e representar eventos e atores para estória e a política” (LA CADENA, 2024: 137). Além de ser sobre a quem é concedido o direito de contar, é também sobre fixar delimitações de quem pode viver e quem deve morrer. A estória única constrói estereótipos, finca doutrinamentos, disfarçados de “espontâneo”, de “natural”, e prega características para o reconhecimento do “inimigo”. É sustentada na aliança estabelecida entre os bem-ditos artistas, cientistas, filósofos, igreja e o Estado, que legitimam a barbárie ancorados na racionalização, no progresso, na cultura (FEDERICI, 2017; ADICHIE, 2019).

O discurso sobre o dever de memória corre risco de recair na ineficiência dos bons sentimentos ou, pior ainda, numa celebração vazia, rapidamente confiscada pela história oficial. Proporia então uma distinção entre a atividade de *comemoração* que desliza perigosamente para o religioso ou, então, para as celebrações do Estado, com paradas e bandeiras, e um outro conceito, o de *rememoração*[...]. Tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora, que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido, ao recalado, para dizer com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem a lembrança, nem às palavras. (GAGNEBIN, 2009:55)

Rememorar para não continuarmos reféns de repetições, para alimentar creditações em outras possíveis histórias, que podem reposicionar este Agora. É preciso, portanto, mirar a história com atenção flutuante (DIDI-HURBERMAN, 2015). Atenção que flutua não é uma





tarefa fácil, costumeiramente estamos buscando pontos de identificação e na tentativa de compreender “fiamos as nossas expectativas ou as nossas inclinações. Mas é justamente isso que não podemos fazer; se na seleção seguimos as nossas expectativas corremos o risco de nunca encontrarmos algo diferente daquilo que já sabemos” (FREUD, 2021: 94). Corremos o risco de fechar os sentidos. Nesta passagem Sigmund Freud fala do movimento clínico da psicanálise, já a proposta de Didi-Hurberman (2015) amplia-coletiviza essa ação política. Falamos “ação política”, porque entendemos que ambas as reflexões, mesmo que distintas em tempos e propostas, assumem trajetórias críticas frente a lógica de ordenamento do dito modelo único de sociedade produtivista. Assumimos ser necessário abrir além daquilo já “conhecido”, que sim, pode estar contido no “conhecido”, mas a contrapelo (BENJAMIN, 2012).

## AS TERRAS

A acumulação das Terras foi central na conjuntura social, econômica, política e cultural da América Latina, do Brasil, do Nordeste... (ALBUQUERQUE, 2011; LINHARES E SILVA, 2021). Previsíveis e não, repetimos o que e como “aprendemos”, em vários pedaços da vida. A posição dos latifundiários do “nordeste” que se agarram a construção de um passado inventado, a partir de uma história que “limpou” e continua “limpando” as manifestações das diferenças, é uma herança colonizadora, uma cultura afogada em barbárie (ALBUQUERQUE, 2011; LINHARES E SILVA, 2021; BENJAMIN, 2012a). Maria Linhares e Francisco Silva (2021:88) rememoram que o caminho que “desbravaram” era: “conquistar” vastas extensões de Terras, uma casa senhorial e uma multidão de serviçais”. Que após o decreto do “fim” da escravidão essa massa conservadora ainda exigiu indenizações pelas suas “perdas” e quando não receberam, como no caso da “região nordeste”, “impuseram um sistema de açambarcamento de Terras que obrigava os camponeses a transformarem-se em moradores, sob a tutela da grande propriedade” (LINHARES E SILVA, 2021:112).





Do pequeno agricultor ao grande latifundiário se ampliam as contradições e fracassos. O que entendemos por Terras, neste que chamam sertão de Alagoas, é tida como muito barata, quando comparada a precificação do agreste e da zona da mata alagoana. O latifundiário “precisa” possuir composições gigantescas em seu nome, para se manter onde está. Já o “pequeno” tem sido fadado à mesma cultura hegemônica: tentar reproduzir a lógica da concentração-colonização, o que o faz ter mais Terras do que precisa e menos do que precisa. Viveu-vive das migalhas do possuir, da herança de uma matança das composições heterogêneas. A cultura da posse-propriedade das Terras associada ao dinheiro e, portanto, ao poder, se alimenta das repetições fracassadas, que não questionam esse modelo de “sobrevivência” único e predatório, reforçado em liturgia pela classe dominante. Eles tentaram escrever-inscrever as diversas experiências e histórias em um texto único e homogêneo, “(...) lido numa só direção para que seu efeito de verdade fosse eficiente politicamente” (ALBUQUERQUE, 2011:85). O “nordeste” foi inventado na fuga à mudança, no pavor ao desconhecido, temos ânsia melancólica em conservar um passado que só existe enlaçado na história hegemônica.

No que se convencionou chamar “natureza”, as terras ainda são pensadas como homogêneos chãos produtivos ou não produtivos. A concepção que traduz por “natureza” a amplitude biodiversa conectada e a torna passível de exploração, é dita-escrita-alicerçada pela ciência que se consagra neutra, mas que sabe muito bem mascarar a ideia de progresso na barbárie do dito desenvolvimento sustentável. Sabe “perfeitamente atrair o interesse daqueles que podem fazer ouro com seus resultados” (STENGERS, 2023:29). Antônio dos Santos (2020) nos relembra que apenas na constituição de 1988 os povos quilombolas e indígenas passaram a ser considerados sujeitos de direito e que essa constituição regularizou o direito às Terras pela escritura. Ele diz que esse documento traz delimitações importantes, quanto à manutenção da vida nas/das comunidades. Ainda assim, ressalta ser uma agressão em vários aspectos: a ideia de propriedade-posse é estranha para as pessoas quilombolas e indígenas, as Terras são vivas e não somos donos delas.





A luta pelas terras tenta sustentar uma outra relação com o que chamam terra-cultivo, mas é preciso estremecer a centralização no humano, questionar as repetições alicerçadas na ideia de autossuficiência, de competição, de hierarquia, de exploração. Assumir que somos seres precários, totalmente incapazes de sobreviver sozinhas. É preciso, portanto, aceitar e aprender com as colaborações e transformações dos encontros: Anna Tsing (2021) nos conduz as histórias de diversidades que surgem dos fracassos e perturbações capitalistas, faz uma importante trajetória sobre as conexões contaminadas em constante transformações. Lembra que pensar a diversidade implica em se deparar com histórias que carregam consigo impressões de uma matança violenta e gananciosa, mas que também ensinam de germinações possíveis.

## ESTÓRIAS

Não recordamos quando decidimos que escreveríamos “estórias” e não “histórias”. Sabemos que a decisão veio porque em alguma passagem da vida ouvimos que estórias são contações carinhosamente imaginativas, deixam espaço, fios soltos, para que continuem tecendo, amarrando alguns pontos, desatando outros, continuem compondo a teia relacional. As estórias que decidimos contar estão em passo de remontagem (DIDI-HUBERMAN, 2017b), são fragmentos de abertura, situados em posição parcialmente relacional com as composições heterogêneas (HARAWAY, 2023; DIDI-HUBERMAN, 2017b). As estórias que contamos interrompem a suposta linearidade das “grandes histórias”. Gostamos de pensar que são estórias-bagunçadas, ao tempo que interrompem-contrariam o *continuum* hegemônico, também são compostas por interrupções.

Contam que até 1943 a língua portuguesa utilizava a palavra estória para dizer das narrativas ficcionais e da contação oral dos causos, demarcando como aquilo situado na margem oposta dos documentos “oficiais”. Já a História estaria na “ordem” da comprovação documental, indicando as situações ditas “reais”, “factuais” (CHIEREGATI, 2021). “As margens da Ficção”, Fernando Scheibe (2021) fala que a língua francesa não diferencia





“estória” de “história” e que Jacques Rancière segue com essa posição no livro. Lá pelas terceiras margens do rio, Rancière (2009) pensa que a nova ficcionalidade chega como possibilidade intervalar: aquilo que conecta o contado ao vivido, cria condições de legibilidade e visibilidade e — no intervalo — deixa abertura a imaginar o inimaginável. Reposicionamento que repensa a ficção aristotélica determinista, de causa e efeito; **fratura** as linhas enrijecidas pela história documentada como “real” e rompe com a ideia de ficção associada àquilo que é “irreal” (RANCIÈRE, 2009). O rearranjar dos modos de pensar a história aposta no cotidiano e entende que o “‘real’ precisa ser ficcionado para ser pensado” (RANCIÈRE, 2009: 58). Esse tal “real” queima a qualquer tentativa de contato, restando as brasas a serem assopradas (DIDI-HUBERMAN, 2012) e com o assopro, acessamos pequenos fragmentos que se desmancham ao toque. Acessamos memórias-lacunas, limites-excessos. Isto é, estórias.

Na sua bolsa de ficção, Le Guin (2021) decidiu por colher e transportar o termo estória. Interessa-lhe a contação, a invenção, as estórias que contaminam de mão em mão o “limpo” da dita história com H. O que se costura é uma reinvenção que descentra a história da humanidade (CHIEREGATI, 2021). “É com certo sentimento de urgência que procuro a natureza, o sujeito, as palavras da outra estória, a estória não contada” (LE GUIN, 2021: 21). Marisol de La Cadena (2024) disse que na composição de “Seres Terras” intencionava trabalhar com as informações documentadas sobre o processo de luta pela reforma agrária na comunidade *Pachanta*, situada nas delimitações de Cusco - Peru. Ela reposiciona afirmando que o que viveu nesses tempos de laboração-com não está apenas situado nas “evidências” que a história moderna consegue registrar em seus arquivos, e que o selo de realidade criado por esta história torna aquilo o que não entende a-histórico. A nós, reféns das traduções, das explicações, dos esclarecimentos, é preciso assumir o limite: “aquilo que a história e outras práticas do Estado não podiam conter (LA CADENA, 2024: 64). Assumir tal limite é também aceitar a incomensurabilidade da comunicação. É compor nas gretas do desconhecido. O que La Cadena (2024) propõe, a partir do encontro com os *Turpos*, tampouco estaria no que entendemos por ficção.





## METODOLOGIA

Este artigo é fragmento de uma pesquisa de Mestrado submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP<sup>6</sup> com a proposta de continuação de movimentações iniciadas no ano de 2021. Na tessitura seguimos com as ensinanças do PesquisarCom (MORAES, 2022) e ampliamos a teia, tecendo em direção a Colaboração: “significa trabalhar por meio das diferenças, o que leva a contaminação” (TSING, 2015:73); e ao fazer Colaborativo: “trabalhar (ou laborar) com” (LA CADENA, 2024: 59). Fizemos das posições dos nossos corpos uma bolsa-sacola, com a proposta de caminhar juntas pelas comunidades e catar comunicações, estórias: “nem como conflitos nem como harmonia, mas como processos contínuos” (LE GUIN, 2021: 21). As narrativas aqui dispostas são de entrevistas flexíveis, mesmo que entrevistas, a abertura possibilitou associações livres de ideias e inventividades (GIARD, 2018). Também narrativas/comunicações das composições: o encontro Terras-Casa-Alimento conta de entrelaçamentos e interferências humanas, mas também tem a potência de descentrar a ideia de excepcionalidade da memória ao humano. Comunicações fragmentadas, atravessadas pela modernidade e por germinações ancestrais (CUSICANQUI, 2015).

No processo do que costumeiramente nomeamos por análise, decidimos por tentar toques sutis, que não definem em verdade, que não apontam direcionamentos únicos ou linearidades correspondentes, que não fecham as significações e os sentidos. Essa ação não impede de assumir confiantemente algumas posições. Gostaria de ter conseguido, um pouco que seja, que as comunicações dançam por aqui-aí abertamente. Como vagalumes-sobrevivências (DIDI-HUBERMAN, 2011) que faíscam refazimentos. Em muitas passagens não nomeamos as agentes das comunicações. A decisão por nomear ou não é complexa,

---

<sup>6</sup> A pesquisa de monografia intitulada “*As falas que ecoam através da imagem: narrativas fotográficas de mães solo do semiárido alagoano*” foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (2021) (CAEE: 57523822.3.0000.5013). A dissertação de mestrado (2025) constitui um desdobramento e aprofundamento dessa investigação inicial. Neste artigo, são apresentados fragmentos de ambas as pesquisas, bem como de encontros e reflexões que tiveram início ainda na graduação em Psicologia.





envolve posicionamento cuidadoso. Desde o início das nossas movimentações conjuntas em 2021, perguntamos se elas gostariam de que os seus nomes aparecessem, conversamos sobre as implicações desta decisão. Neste outro tempo, continuamos com a decisão que compreende a importância de que seus nomes apareçam. A pesquisa é com as protagonistas: Neide e Edna. As suas narrativas/comunicações são relações singulares com o que as toca cotidianamente. Nas singularidades faíscam os atravessamentos políticos que as conectam enquanto duas mulheres deste que chamamos sertão de Alagoas. Ambas estão diante da barbárie da concentração/posse das Terras, dos atravessamentos de gênero, sexo, raça e classe. Repetições e aprisionamentos que gritam na pesquisa. Atentas(o) a isso, mas não só, é importante questionar as nossas pretensões representativas, que acontecem pela prepotência de pensar que porque acessamos fragmentos que comunicam de uma mulher assentada do MST e de uma mulher Quilombola é “suficiente” para as conhecermos, para as definirmos. A decisão por “às vezes nomear, às vezes não nomear”, também passa por tentar preservar alguns posicionamentos.

Decidimos por tentar não trazer definições, mesmo que inevitáveis, sobre onde mora Neide e onde mora Edna, tentaremos situar algumas composições. Fazemos isso porque o objetivo deste fragmento de pesquisa, é como elas contam sobre elas, o que conta delas, como as suas passagens esfacela o homogêneo, e o que, porventura, escapa aos estereótipos fincados pelo discurso hegemônico. A opção por referenciar as datas das comunicações é intencionando dispor o vaivém desses tempos de abertura ao encontro. Muitos outros tempos estão acontecendo, mesmo não referenciados, circulando entre fragmentos de encontros presenciais e conversas via whatsapp... na inconclusão, passamos a pensar que se essa comunicação-escrita rasurada, incompleta... é permeada por cada pedaço de vida-morte que atravessa a nossa fina, quase inexistente, película... cada pedacinho de gigantescas e ordinárias importâncias. A estória passa pelo encontro com Neide e Edna, mas o Nós esparrama *há* um tanto mais...

Do que vem a seguir: o eixo que abre a análise sugerindo que: **“Esta é uma estória”** de encontros... Seguido em **“Rama”** que abre caminhos e, mesmo que em aparente metáfora,





sugere aproximações além do humano. Em “**Extensão-casa**”, relação, compartilhamento... Nas “**Insistências não óbvias**”, faíscas que podem incendiar as “grandes histórias” e imaginar um algo outro no assoprar das cinzas... Por “fim”, decidimos por olhar para as ensinanças dos Chãos, das Terras, dos Solos: “\*\*\*\*\* **tem muito a contar**”.

## Esta é uma estória

*“(...)aquele seio vai ter significado. O seio é o meu material de ferramenta da roça... o pessoal vai ficar perguntando o que significa o seio. Esse nome é algo repassado de geração pra geração”* (Entrevista com Edna, 2024).

*“(...) é algo que a gente vai colocando objetos dentro... o algodão você colhe e a palma você semeia...”* (Narrativa de Neide durante a leitura conjunta da pesquisa, 2025).



**Imagem 1:** seio /dos diários de campo, 2024



As crianças conhecem um indício desse mundo dos sonhos, sendo ao mesmo tempo “bolsa” e conteúdo. E assim como as crianças não se cansam de transformar, com um só gesto, a bolsa e o que está dentro dela numa terceira coisa. (BENJAMIN, 2012:41)

## RAMA



**Imagem 2:** a nomear/Comunicações cotidianas via whatsapp, 2022

Dos primeiros encontros que tivemos com Ela, recordamos que contou que morava um pouco mais afastada das outras casas por conta das suas galinhas. Eram galinhas que passeavam entre a casa-terreiro com aparente familiaridade. Recordamos ainda, que Ela nos convidou ao arrodeio: segue em frente; dobra pela pista que dá vistas ao açude; outra dobra, entrada da comunidade, Serra do Japão; parte de dentro, dobra outra, entre casas. Era em tempo chuvoso. Ela percorria estórias, enquanto semeava caminhos: *“Olha, eu não vou mentir pra tu, eu posso tá triste como for, mas quando chega num canto onde tem muita planta, onde tem verde, me dá paz, me dá algo diferente, sabe? É algo diferente. Quando eu*



*vejo verde, quando eu vejo flor, quando eu vejo plantas, não sei, ali eu sinto uma paz imensa”* (Entrevistas, 2022).

**E hoje, o que passa pelo seu cotidiano?** *“Trabalho, chego em casa e faço café pra o meu veio e depois dormir, no outro dia logo cedo correria de novo. Todo dia 6h nós tem que sair de casa; 6h30 eu to em \*\*\*\*\*. Dia de domingo é sagrado, dia de lavar roupa, visitar minha mãe e fazer as coisas de casa, ou então quando a gente planeja almoçar fora, mas o objetivo maior tá sendo o trabalho, onde eu passo o dia todo. Essas plantas aí que estão morrendo tudo é minha. Eu olho ali pra aquela avenca, vejo a bixinha seca, mas vou reconstruir tudo de novo, essa área tava cheia, tem até no meu celular um bucado de fotos no meio delas, bem verde, tudo verdinha. As plantas dão o sentido diferente de viver, uma força... atualmente, como é que você percebe a relação com a comunidade aqui? Mulher, assim, eu não sou de estar com elas, mas me dou bem com todo mundo. De estar com elas quem? Com o povo da comunidade, que até devido ao tempo, né...”* (Entrevistas, 2024).

Dos tempos que se passaram (2021-2025), Ela assume outra posição. Quando iniciamos não trabalhava “fora” da comunidade. Neste agora, tem uma mudança que a desloca todos os dias da semana... A política de desterritorialização (SANTOS E SILVA, 2022), de esfacelamento do comum, segue acontecendo: no afastamento do que produz sentido-força à implementação de únicos fluxos, únicos caminhos, que consomem, cansam, imobilizam... Parte do plano dominante que tem pavor a mudança, pavor a força movente enraizada na relação - composição. Tem algo de vida-morte acontecendo entre as passagens, “por alguma ação contingente” (TSING, 2015: 251). Na peleja da rememoração, embrenhamento do antes neste agora. Talvez, faíscas de refazimentos: *“mas vou reconstruir tudo de novo...”* (Entrevistas, 2024).

*“Eu tenho mania de dizer minhas pontinhas de ramas. Uma árvore sai ramando, soltando suas ramas. Os meus netos eu considero as pontinhas das ramas, meus filhos as ramas. O sofrimento de um filho é o sofrimento da mãe, muitas das vezes a mãe deixa de viver pra viver*





*o momento do filho. Cada vez crescendo mais, se espalhando, e ali o foco é como iniciou aquela família. Eu já sou uma rama da minha mãe” (Entrevistas, 2025).*

## EXTENSÃO-CASA:

*“Tô ganhando!” (Conversas cotidianas via whatsapp. Vinte e seis de outubro de 2024).*



**Imagem 3:** a nomear /Comunicações cotidianas via whatsapp, 2024

*Essa parte aqui, como é? Suba aí... os dominós... eu mandei até as fotos dos confeitos, você colocou que aí é meu passatempo, minha terapia? (Narrativa durante a leitura conjunta da pesquisa, 2025).*

Ela decidiu contar em extensão-Casa: caminhamos montando as peças. Foram quatro conexões ou quase quatro... “A casa que mais vou”; “De todo fim de tarde”; “Gosto de ir pra conversar e comprar cocada”; e a Casa que não chegamos a ir, mas que chegou até nós: “Vez-em-quando vou, conheço a mais de dezenove anos”.

Nos encontros, preocupou-se em ajeitar um mosquiteiro para que não entrasse mosquitos, perguntou se queríamos quebrar a frieza da água para tomar banho, convidou a



fazer canjica de manhã cedo, disse que fez carne de porco porque percebeu que gostávamos, decidiu como gostaria de contar o seu cotidiano nesta pesquisa — que gostamos de dizer: “nossa pesquisa”. Que ela diz: “É também pra ajudar vocês”.

*“A minha vida é essa, amanheço o dia, vou arrumar minhas coisas. Primeiro é varrer a porta, né. Tem a parte como eu falei a você que encheu de mato por conta da abóbora, aí se eu mexer perco as abóboras pequenininhas. Tá assim de abobrinha nova. Aí meu dia é esse, amanheço o dia, arrumo a casa, faço o almoço, aí antes de eu arrumar a casa desço na casa de \*\*\*\*, aí demoro um pouquinho lá conversando com ela, aí venho, arrumo a casa. Amanhã, umas sete horas a gente desce, é o tempo de arrumar umas coisas em casa. É porque assim, aqui na frente só dá pra sentar quando dá umas 10h, que o pé de pau faz sombra”* (Entrevistas, 2024).

## **Insistências não óbvias:**

*“(...)num tem a usina \*\*\*\*, já ouviu falar? Era lá. O fazen... o meu patrão era um dos donos de lá, dá usina \*\*\*\*, e eu vivi uns cinco anos e pouco. Eu cheguei em 2010 e sai de lá no final de 2015. Eu fui parar lá, porque o meu primo, que no caso é pai do \*\*\*\* era o gerente da fazenda, então eu fui pra lá pontar eles, entendeu? Meus irmãos trabalhavam tudo lá.”* (Conversas cotidianas via whatsapp, 2025).

*“(...)se eu tivesse como me profissionalizar na vida, eu me profissionalizava em culinária ou costura. Um desses dois, eu amo cozinhar. **O que você sente cozinhando?** Eu sei que quando dizem assim, \*\*\*, hoje você vai tomar conta da cozinha, pra mim tá ótimo. Gosto, gosto mesmo, isso eu peguei. Eu vi uma patroa minha fazendo uma carne chinesa, eu tinha... ia fazer quinze anos de idade e eu guardei a receita na mente. Cada patrão que eu trabalho, eu faço e eles gostam, invento muitas saladas. Antigamente eu fazia um bolo muito bom, hoje ele sola, mas também não se perde não, que eu como mesmo assim com café. Bolo de cenoura com cobertura de chocolate é meu preferido. Um que eu amo também é meu bolo de macaxeira, esse pelo menos não tem desculpa, tem que ser solado mesmo, vai ficar solado*





*[risada gostosa] ---- vó, cadê meu patinete?”; “quem sabe onde tu perdeu?” ---- Quando eu tinha uns sete, oito anos, minha mãe trabalhava na roça e eu tinha que ficar com os meninos em casa, cozinava tudo. Não sei se foi por aí que fui pegando o gosto... antes o meu preferido era lasanha, hoje não é mais. Hoje o preferido dos preferidos é peixe. Peixe cozido. Comida e costura, duas coisas que gosto. Desde pequena costurava.. ainda vou conseguir comprar uma máquina, tu vai ver” (Entrevistas, 2004).*

Enquanto come milho e toma um caféquentinho: “milho é bom, né. É onde eu trabalho, as roças. Daqui pra o mês de dezembro já começa a quebra do milho, novembro pra dezembro. Aí eu vou começar. Vamos dizer assim, das 7h até 12h, de 12h para e almoço, volta de 13h até às 16h. Sem parar. Não para não, como é que se para? Todo serviço é assim. 80,00 mulher, homem é 100,00. Homem trabalha mais, né... Homem trabalha mais, né... Nem todos, né! (risos). É, mulher é menos, homem é mais. Não, porque tem homem que paga, trabalha... mas tem homem que você vê que trabalha menos do que você e não é justo, né! Que nem o vizinho disse, por mais que ele trabalhe menos do que você \*\*\*\*, mas é homem, não vai ser justo pagar ele de um preço e os outros pagar de outro, aí reclama, aí fica mangando um do outro, mas é homem, né! Aí é 100,00 a diária do homem, em capim e palma. Aí já pra veneno é 150,00, 170,00, 200,00, pra passar veneno, que é perigoso, né! Passar veneno no mato é perigoso, né! Né o veneno! Que eles não trabalham com máscaras, só com o pano no rosto e casaco, essas coisas... E com as máquinas nas costas, aquelas bombas nas costas, sabe qual a bomba de veneno, né? E fica assim e o veneno num voa pro rosto, né! Os fazendeiros ricos aí pra fora tão usando os aviõezinhos, avião pra ir jogando veneno nas roças. Aqui é na máquina, nas costas. Na roça dos fazendeiros daqui” (Entrevistas, 2024).

“(...)sabe o que eu gostaria de fazer? Colocar alguma coisa pra vender em casa, tipo fazer um salãozinho aí, comida, doce, pipoca... pelo menos pra ter um jeito de sobreviver pra eu não precisar trabalhar, porque a gente cansa. Aquela senhora que tava aqui, passou mal trabalhando, quase morria na roça, por causa do calor... tenho vontade de plantar só





*fruteira, aí eu tenho mamão, laranja e três pés de goiaba. Meu foco é fruteira, porque fruta você come, né. Fruta é alimentação... Se eu tivesse um pedacinho de terra tinha feito chiqueiro de porco, plantado. Eu tenho como fazer aí atrás, porque porco é mais fácil de você cuidar... não é só a terra, é a terra e o dinheiro. Mas aqui no \*\*\*\* não tem onde ninguém criar nada não, é tudo terra dos outros” (Entrevistas, 2024).*

Tem um tanto de insistências não óbvias...

Corpos em gesto de ação diante das ações que recomeçam diariamente: a apreciação ou não do alimento, a escolha, o fazimento, o compartilhamento... empilha silêncios e comunica abundante... A memória segue se refazendo em vida-morte, fiada numa “montagem complexa” (GIARD, 2018: 220). Segue em disputa do-no presente (BENJAMIN, 2024). Além da passiva repetição do engodo colonizador, que empurra Neide, Edna e... para fora das suas Composições-Terra, talvez na tentativa de esfacelar as suas rememorações coletivas, as suas forças moventes... elas sonham, alimentam seus corpos no desejo-ação-movente: “*Em breve, eu darei um basta, é como eu lhe disse, até quando eu me organizar essa questão que eu tanto quero*” (Conversas cotidianas via whatsapp, 2025).

*“Outra coisa que eu sou apaixonada é na água, e é um açude ali, ele sustenta o verão inteiro. Aqui é onde eu vinha lavar roupa. Bem ali tem um pé de pau onde eu lavava roupa o tempo todo, faz parte da minha vida, porque eu vivi muitas brincadeiras, muitas aventuras no paredão desse açude... eu cheguei no \*\*\*\* vai fazer 26 anos. Na época não tinha água encanada, era o tanque que tinha. Ele deve tá cheio, raramente ele seca. Tinha momentos muito bons, é como dizem: a gente era feliz e não sabia. Eu fui criada no sítio \*\*\*\*, o tanque era onde a gente encontrava com as outras meninas, a gente tomava banho dentro do açude, mas só podia tomar banho por último pra não lamear a água. Hoje tem água encanada, mas está com mais de mês que o povo não vê, tem que comprar. O tempo passou e quando eu vim pra cá foi incrível aquilo ali. Quando cheguei com meus pais vi aquele monte de barraco, eu tenho um carinho por barraco” (Entrevistas, 2024).*





Em um período em que o Estado direcionava seus interesses de investimentos à economia cafeeira — atividade das elites do “sul” que dominavam a república velha — o fenômeno natural da seca foi a maneira de se conseguir recursos financeiros para o que se convencionou chamar “nordeste”. O medo conservador da perda de espaço, prestígio e dominação das tradicionais elites do algodão e do açúcar [“norte-nordeste”], ensejou o agrupamento dessas elites para defenderem seus interesses. Os efeitos que a seca de 1877-79 causou serviu de bode expiatório para solicitar padecimento do Brasil cristão as “vítimas flageladas”, ou “melhor”, solicitar encaminhamentos de recursos financeiros para enxugar as lágrimas dos herdeiros colonizadores ressentidos. Assim, inventa-se a “região” entrelaçada à seca... Apesar de um longo histórico de debates, políticas e ações pelo “combate” aos efeitos desse fenômeno climático, há uma marcante ineficiência nas medidas tomadas. Manter a seca enquanto crise humanitária continua sendo de interesse a essa “antiga” classe dominante, no poder até os dias de hoje (ALBUQUERQUE, 2021).

Tem algo mais aqui: “*era o tanque que tinha...*”, comunicando e fiando “a politicidade do comunitário” (COSTA, 2023: 147). Comunicando e fiando a politicidade da imaginação (DIDI-HUBERMAN, 2011)...

*“Tá vendo aqui essa porta, tá caindo. Eu tenho que comprar outra, essa tá só encostada, se fosse em outro canto dormia assim? Aqui eu durmo sossegada, ninguém nem trisca aí, noutro canto não dorme. É sossego, mas falta oportunidade”* (Entrevista com Edna, 2024).

*“Hoje você dorme na cama do meu filho e ele dorme comigo, lá o mosquiteiro é melhor”* (Entrevista com Edna, 2024).

*“Você já é de casa...”* (Entrevista com Neide, 2024).

***O que você acha de contar da vida a partir do seu cotidiano? Como assim cotidiano? Entendi. Meu dia a dia é isso aqui que você viu. Na casa de \*\*\*\* é Café, leite. Tem horas que***





*chego lá é: “\*\*\*\* tem comida!”, é tipo assim, entendeu?! Eu chego lá, eu como. Quando tem alguma coisa diferente aqui eu levo pra elas. Toda vez quando eu compro alguma coisa diferente eu levo pra elas. **Por que você compartilha?** É porque eu vivo lá. A hora que eu chego lá e disser to com fome, se tiver comida eu como. Ai quando eu tenho uma coisinha assim, quando eu faço alguma coisa diferente eu levo pra elas, bolo, macazada, bolo de macaxeira, coisinha assim que eu levo. E na casa de \*\*\*\* eu gosto de ir pra lá pra conversar um pouco com ela, amanhã de manhã a gente vai lá, ela disse: ‘logo de manhã? Deixa eu arrumar as coisas’. Eu digo, mulher, umas nove horas eu chego aí... Na casa de \*\*\*\* a gente vai na parte da tarde. Meu dia a dia é esse, amanheço o dia arrumo as coisas, converso um pouco com a vizinha. Todo dia escuto as mesmas conversas. Tem a vizinha ali que ela é mais reservada, ela só vem aqui em casa se for a um negócio, se não ela não vem ou então quando eu grito que tem lavagem para os porcos aí ela vem buscar. Na casa dela é onde meu filho confia deixar a chave daqui de casa, ela não sai de casa, a hora que eu chegar eu sei que pego a chave. Então é isso (Entrevistas, 2024).*

Portas abertas: “fluxos que entram e saem, sendo lugar de passagem de uma circulação contínua” (DE CERTEAU E GIARD, 2018: 204). Casa é comunicação-composição: compõe e é composta. Edna e Neide se movimentam pela extensão de suas casas, onde é possível ir no vaivém: frente e fundos dos quintais. Na sociedade moderna essa armação foi tomada como privada, tornando-se uma espécie de refúgio do coletivo, de tentativa de fuga ao barulho, ao cheiro, a fricção com o heterogêneo, a bagunçada. As impregnações da lógica privada não impedem que as manifestações que escapam a ela germinem. As portas abertas revelam a possibilidade de fortalecer relações coletivas. Edna e Neide reescrevem histórias composições, em que é possível compartilhar, se afetar, (DE CERTEAU E GIARD, 2018), criar vínculos sensíveis às “fricções, atritos, hesitações” (STENGERS, 2024: 117).





## \*\*\*\* têm muito a contar:

Caminhamos com Neide e Edna pela composição das suas comunidades... Elas decidiram que esses momentos de passagem abririam para contar sobre os seus cotidianos. No “terreno do presente” (BENJAMIN, 2024: 101) rememoram histórias de vida e morte. Em momentos das metaforizações de Walter Benjamin (2024) e de Didi-Huberman (2015) a posição de quem rememora aparece como quem escava o solo e se depara com camadas, vestígios, fragmentos... Em momentos das metaforizações de Le Guin (2021) a comemoração do mito do triunfo heróico aparece como corrompível pelas histórias “inúteis” da não dominação, contadas da posição chã das coletoras de sementes, folhas, grãos, frutos...

Os organismos mortos apodrecem, tornando-se solo orgânico, que, por sua vez, torna-se a base para uma nova vida. Em lugares sem solo orgânico, esse ciclo de vida e morte foi quebrado por alguma ação contingente; tal ação sinaliza o tempo irreversível, isto é, história. Ao colonizar paisagens perturbadas, o matsutake e o pinheiro fazem história juntos - e nos mostram como fazer história se estende para além do que os humanos fazem. (TSING, 2015: 251)

*“Se quiser colocar tudo de comida pode botar. Uma coisa que é muito importante na minha vida é a parte de alimentação...”* (Entrevistas, 2024).

O reposicionamento vida-morte diz de composição necessária, importante a continuação. Santos (2023) fala de começo-meio-começo, a morte passa pela renovação da vida. A memória é essencial nesse fluxo de passagem, mas tem sido interrompida de sua manifestação “natural”. Estamos andando[?] por cruéis repetições que matam desenfreadamente, que não dão tempo ou espaço a lembrança que [do-que] pode nos reposicionar... nem tão metaforicamente assim: assumimos a importância de reposicionar o nosso olhar às ensinanças dos Chãos, das Terras, dos Solos [além das nossas limitadas nomeações], das composições outras constituídas das interferências humanas e além delas... A decisão de Edna e Neide por caminhar pelas suas comunidades é uma ação que também diz que a memória<sup>7</sup> não é excepcional do humano. Da alimentação aos excrementos, a comida tem muito a contar... Tsing (2015) compartilha de um ciclo natural de

<sup>7</sup> Não a memória tal qual situamos teoricamente, “não-apanas” (LA CADENA, 2024: 62).





movimento/reposicionamento que segue acontecendo apesar das interrupções. O que chamam "natureza" tem uma "genialidade" [utilizamos as aspas porque nomeações não dão conta] surpreendente de refazimentos. A dança dos microrganismos e macrorganismos nos Solos faz brotar vida da morte, em ação de alimentação - excremento - alimentação... É o que a ciência aprendeu a chamar de compostagem: transformação de resíduos orgânicos em composto orgânico; transformação do que costumeiramente descartamos como lixo em Solo fértil a novas possibilidades de esperar. Muito além do que a ciência pensa como Solos orgânicos, estamos acreditando nas relações parciais, nas quais abundante vida-morte escapa ao nosso entendimento. Podemos tentar continuar-alimentar caminhos de cooperação e "aprendizagem" parciais ou assumir a dada finitude humana enquanto tudo mais se reinventa... (TSING, 2015; LA CADENA, 2024; HARAWAY, 2023).

“O pessoal falou: seu olhar é distorcido. Eu, por certo, não saberia medir a importância das coisas: alguém sabe?” (BARROS, 2015: 127). No início desse percurso falei de especificidades “miúdas” como importante potência movente que questiona repetições alicerçadas nas “grandes estórias”. Neste agora, gostaria de estender, bagunçar mais. Em entrevistas, La Cadena é enfática ao falar que a tradução não deve tentar reproduzir, repetir, incluir, “jogar luz” ao que não alcança. A tradução cria outra coisa, seu fazer deve considerar deixar as palavras abertas e aceitar os limites da nossa compreensão (PUCP, 2019). Quando desprendida da tradução, do significado, e, portanto, de seu efeito, a própria percepção sobre miudezas tende a se reconfigurar. Benjamin (2012) e Rancière (2021) falam sobre a importância de questionar a hierarquia entre os ditos “grandes” e “pequenos” acontecimentos: o miúdo não seria o dito miúdo da tradução hegemônica. Estamos tentando olhar para uma composição relacional, como uma teia: “sequências onidirecionais, rizomas e bifurcações” (DIDI-HUBERMAN, 2015: 115). A teia como composto entrelaçado-heterogêneo, como toque naturalmente parcial, familiarizada com os limites que a mantém conectada...





## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Fabio Lopes; ABREU, Claudia Barcelos de Moura; SCHROEDER, Tânia Maria Rechia; ESTRADA, Adrian Alvarez. Comemoração dos 25 anos de fotoetnografia: entrevista com Luiz Eduardo Robinson Achutti. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 27, n. 61, p. 7–46, 2021.

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BENJAMIN, Walter. “A imagem de Proust”. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 37–50.

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento: sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241–271.

CHIEREGATI, Leda. “Posfácio”. In: LE GUIN, Ursula K. *A teoria da bolsa de ficção*. São Paulo: Editora Nós, 2021. p. 25–38.

COSTA, Maria da Graça. “Feminismos periféricos na construção da agroecologia para o bem viver”. In: \_\_\_\_\_. *Meu corpo é meu território: mulheres em defesa do bem viver na cidade*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2023. p. 142–171.

CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen: miradas ch’ixi desde la historia andina*. 2015.





DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce. “Entremeio”. In: DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 189–206.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce. “Mensagem”. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 335–342.

DIDI-HUBERMAN, Georges. “A abertura: a história da arte como disciplina anacrônica”. In: \_\_\_\_\_. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 17–68.

DIDI-HUBERMAN, Georges. “A abertura: a imagem – malícia: história da arte e quebra-cabeça do tempo”. In: \_\_\_\_\_. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 101–180.

DIDI-HUBERMAN, Georges. “A disposição às coisas: observar a estranheza”. In: \_\_\_\_\_. *Quando as imagens tomam posição: o olho da história, I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017b. p. 39–70.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v. 2, n. 4, p. 206–219, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FREUD, Sigmund. “Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912)”. In: \_\_\_\_\_. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 93–118.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Memória, história, testemunho”. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 49–57.





GIARD, Luce. “Cozinhar”. In: DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 211–298.

GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afro-latino-americano”. In: \_\_\_\_\_. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 139–150.

GUERRA, A. de L. e R. Metodologia da pesquisa científica e acadêmica. *Revista OWL (OWL Journal) – Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 149–159, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8240361. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48>. Acesso em: 2 nov. 2025.

HARAWAY, Donna Jeanne. “Conhecimentos situados: a questão da ciência no feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. In: \_\_\_\_\_. *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023. p. 319–343.

KOHATSU, Lineu Norio. Notas sobre o uso de imagens visuais nas pesquisas em psicologia. *Revista de Psicologia*, v. 8, n. 1, p. 23–36, 2017.

LA CADENA, Marisol de. *Seres-terra: cosmopolíticas em mundos andinos*. Tradução de Caroline Nogueira e Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

LE GUIN, Ursula Kroeber. *A teoria da bolsa de ficção*. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Terra prometida: uma história da questão agrária no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

LUGONES, María. “Hacia metodologías de la decolonialidad”. In: LEYVA SOLANO, Xochitl et al. (org.). *Prácticas otras de conocimiento(s): entre crisis, entre guerras*. Buenos Aires: CLACSO, 2015. p. 75–92.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: “permanências e reparações”. In: SILVEIRA, Marília; MORAES, Marcia; QUADROS, Laura Cristina de Toledo (orgs.). *PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2022. p. 21–42.





RANCIÈRE, Jacques. “Se é preciso concluir que a história é ficção”. In: \_\_\_\_\_. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 52–62.

RANCIÈRE, Jacques. “O desmedido momento”. In: \_\_\_\_\_. *As margens da ficção*. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 157–169.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos; SILVA, Gilvânia Maria da. “Fuga, escola e oráculo”. In: SANTOS, Antônio Bispo dos et al. (org.). *Composto Escola: comunidades de sabenças vivas*. São Paulo: N-1 Edições, 2022. p. 75–104.

SCHEIBE, Fernando. “O desmedido momento”. In: \_\_\_\_\_. *Às margens da ficção*. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 157–169.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo do fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

TV AFIADA. *Durval: é preciso dissolver esse Nordeste!*. YouTube, 26 dez. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=t\\_Z\\_e-EK19Y](https://www.youtube.com/watch?v=t_Z_e-EK19Y).

*Recebido em: 10/01/2026*

*Aprovado em: 18/01/2026*

*Publicado em: 05/02/2026*

